

MELIPONA RUFIVENTRIS

Nomes científicos:

- 1- Melípona rufiventris brachichaeta (Moure & Kerr)
- 2- Melípona rufiventris dúbia (Moure & Kerr)
- 3- Melípona rufiventris flavolineata (Friese)
- 4- Melípona rufiventris rufiventris (Lepeletier)
- 5- Melipona rufiventris paraensis
- 6- Melípona rufiventris (???) (Diós – C. Castanho)
- 7- Melípona rufiventris Monduri. A Monduri é uma nova classificação. Antes a melipona rufiventris rufiventris tinha uma denominação única de nordeste até o sul (mata atlântica). Com a nova classificação a rufiventris do nordeste passou a ser M. mondori e a do sul permanece como M. rufiventris. De todas, foi tirada a palavra rufiventris intermediária. As demais ficaram M. flavolineata, M.amazonensis, M.brachichet.

Nomes populares:

- 1- Tujuba (tupi: tu'yuba = abelha amarela) variação: tujuva, tuiuva.
- 2- Boca de ralo
- 3- Uruçú amarela
- 4- Iraçu
- 5- Bugia
- 6- Guaraipo amarela
- 7- Uruçú do planalto central
- 8- Uruçú amarela da Amazônia oriental
- 9- Tuiuva mirim(flavolineata)

OBSERVAÇÕES/ANOTAÇÕES PESSOAIS E ORIENTAÇÕES

1 - São abelhas muito brigonas: Das colméias que brigaram com grande mortandade, todas pereceram; foram ficando fracas, destruíram os alvéolos com crias para se alimentarem e mataram a rainha ou esta morreu por falta de quem a alimentasse e as larvas já desenvolvidas ressecam nos alvéolos.

“Lutas entre colônias que resultam em grande mortalidade”
(Fernando Silveira)

- Não devem ser colocadas próximas as colônias. Pelo menos, 3 metros de distância. Ideal: cinco metros;
- Não dar alimentação coletiva;
- Deixar todas as colméias com alimentação equilibrada

2 – O enxame está forte/populoso e, de repente, a população fica reduzida. Deixa de haver movimento, as campeiras não saem para coleta e não há entrada de pólen.

“Abandonos inexplicáveis dos ninhos” (Fernando Silveira). Considero que seja à saída de enxame (enxameação), pois não há abelhas mortas no interior da colméia e normalmente ficam as abelhas jovens e a rainha.

Orientação:

- 1- O momento certo para multiplicação é quando o enxame demonstra grande população, a qual não sendo feita a divisão resulta certamente no citado abandono;
- 2- Constatada a queda da população pelo pouco movimento, deve o meliponicultor continuar a alimentação, pois saíram as abelhas adultas e ficaram as abelhas jovens, ainda sem condições de forragear. O enxame se recupera mais rápido;
- 3- Usar sempre alimentador individual e interno;
- 4- Acompanhar a recuperação;
- 5- Feche a colméia para evitar perda de abelhas jovens e entrada de forídeos;
- 6- Coloque bolinhas de pólen umedecido ou fresco;
- 7- Uma entre-tampa de vidro/acrílico ajuda a acompanhar a recuperação.

3 - Não deve haver falta de espaço na colméia em relação a população do enxame (ver item população).

- Trabalham muito e enchem rápido as melgueiras. Observei que todas as colônias onde ocorreu o abandono (diminuição repentina das operárias adultas), normalmente estavam com melgueiras totalmente completas/ ocupadas com potes de mel e pólen, denotando a influência da falta de espaço.

- Nunca deixar faltar espaço para trabalho: colocando mais melgueiras ou extraíndo o mel.

4 - Os três problemas anteriores dificultam a manutenção dos enxames fortes e populosos.

“Dificuldade pura e simples de manter fortes as colônias”
(Fernando Silveira).

- Quando o problema é de alimentação, o fornecimento de xarope restabelece o movimento da colônia;
- Quando o problema é de operária em decorrência da divisão, a melhor solução é fornecer favo de cria nascente. Fortalecimento com operárias adultas, mudança de local resulta em luta/briga, a não ser quando quase não existem operárias;
- Quando o problema é resultante do abandono repentino das abelhas adultas e, havendo rainha, basta continuar a alimentação. Deve ser fechada a colméia para amadurecimento das abelhas jovens e evitar a entrada de forídeos.

5 - Depositam muitas fezes dentro da colméia e ao mesmo tempo não removem para fora, demorando também na retirada da película formada pelo fundo dos alvéolos de crias (escutelos).

Durante as revisões, devem ser removidos o lixo e restos ressequidos de potes e invólucro e do fundo dos alvéolos de onde nasceram as abelhas.

6 - FORÍDEOS

Das colméias que perdi de rufiventris, a maioria foi por ataque de forídeos, normalmente quando estava viajando, sem poder combatê-los. Apesar de a entrada ficar sempre ocupada por uma única abelha (não passa mais que uma), seria de se esperar que dificilmente entrariam forídeos. A rufiventris é capaz de pegar forídeo no ar e normalmente jogam as larvas foram. Todos que criaram e criam são unânimes: são frágeis aos forídeos.

Orientação: Deixar armadilhas contra forídeos, as quais devem ser revisadas, pois normalmente as abelhas tapam a entrada da armadilha, o que a torna ineficaz.

MINHA PRÁTICA: para evitar o fechamento do furo da armadilha, uso o tubo branco que acondiciona filme fotográfico e introduzo num bob para cabelo, de modo que a parte de cima do bob encoste na tampa e impeça a entrada das abelhas e os forídeos passam pelas frestas do bob. (BOB DOMPEL- Nº 4 – Ref. 354 - Ind. Plástica e Metalúrgica Ltda – Caxias do Sul – RS).

7 – POPULAÇÃO:

“Ihering (1930) estimou a população de *M. rufiventris* em 7.000 indivíduos”.

(Bruno Almeida de Souza – tese de mestrado sobre a abelha *M.asilvai*, pág. 27)

8 – ALIMENTAÇÃO:

- Consomem bastante alimento. Dar bastante alimentação;
- Em alimentadores coletivos, sempre ocorrem brigar. Vão a alimentadores de outros enxames, se externos, mesmo que individuais e afastados;
- Usar sempre alimentador individual, de preferência interno;
- Diminuindo a frequência de visita ao alimentador interno, demonstra diminuição de população, sendo sinal de problema com rainha, não existe ou não nasceu nova;
- Manter todas com alimentação equilibrada para não haver saque em outras colméias fracas (enxame forte com pouca alimentação saqueia enxame fraco com bastante alimentação).

9 – MULTIPLICAÇÃO

Alguns consideram a multiplicação como problemática.

- 1) – A multiplicação deve ser feita quando pressentir que a colméia está superpopulosa para evitar o

problema do abandono (enxameação “?”) das abelhas adultas;

- 2) – Na divisão/multiplicação, a colônia matriz não deve perder/ceder a maior parte das abelhas adultas. Deve-se evitar o desequilíbrio populacional, especialmente das campeiras, na colméia matriz. A maior parte deve ficar com a colônia matriz;
- 3) – O Sr. Sebastião de Paula Pereira Sobrinho, de Brasília, (fone 61– 628.2250) passou-me as seguintes observações, ainda não confirmadas ou experimentadas:
 - Após a divisão, só abrir o invólucro depois de trinta dias;
 - A colméia filha só deve ser multiplicada após um ano;
 - A colônia matriz pode ser dividida após seis meses.
- 4) - Na técnica de multiplicação por sobreninho, o enxame se recupera mais rápido do que a multiplicação pela técnica tradicional.

10 – COLOCAÇÃO DAS COLMÉIAS

- Não colocar exposta ao sol, pois é muito sensível ao calor;
- Nunca colocar colméias a menos de três metros. Melhor a cinco metros,
- Se transportar mais de uma colméia para outro meliponário, é aconselhável não abri-las no mesmo horário que as outras vizinhas.

11 – REVISÃO

- A revisão deve ser freqüente para solução de problemas (falta de rainha, falta de alimento, falta de operária, excesso de lixo, presença de forídeos),
- Bom sintoma: bastante abelhas ao redor da entrada desidratando néctar ou xarope. Havendo diminuição, procurar examinar;
- Quando houver invólucro grosso e da cor dos potes (escuro), procure verificar a área das crias, pois procuram esconder a destruição dos favos de crias;

- Quando notar queda do movimento das campeiras, também deve ser examinada a colméia, para se identificar a causa;
- Normalmente, quando mexida a colméia forte ou mesmo batida, saem muitas abelhas e causam alvoroço e reboição. Daí a necessidade de um certo afastamento entre colméias;
- Se durante as revisões constatar um falso invólucro (grosso e escuro), deve o mesmo ser afastado, fazendo-se o mesmo se constatar os alvéolos ressecados:
 - a) Verificada a existência de rainha, fazer fortalecimento e acompanhar se há postura; se destruírem, provavelmente, indica problema da rainha;
 - b) Tendo muitas abelhas, basta introduzir princesa ou rainha em bob por seis horas, antes de se tornar zanganeira (só nasce macho);
 - c) Se há poucas abelhas, dar um favo de crias e fortalecer com abelhas (mudança de local).
- "Quando o ninho fica forte estas abelhas são muito agressivas, defendendo sua colméia com muita coragem. Recomendamos que no manejo dessa espécie, sempre seja utilizado um véu de filó sobre a cabeça". G.Venturieri.

12 – Entrada: cada espécie ou subespécie tem entrada característica.

FLAVOLINEATA: "Sua entrada é bem característica formando uma pequena plataforma com a borda recortada". G. Venturieri.

- Apenas uma abelha fica de guarda na entrada (Um furo simples sem raias);
- A entrada deixa passar apenas uma abelha. É construída com resina, cera, barro, sementes, pedriscos (AO PASSAR A MÃO PARECE UM RALO, DAÍ A DENOMINAÇÃO AQUI NO AMAZONAS DE: **BOCA DE RALO**);
- Ao perceberem perigo (arapuá e formiga) fecham a entrada com bolas de resina e não entram nem

mesmo as abelhas da colônia que estão fora. Passado o perigo, abrem ou pode ser aberto com arame.

PARAENSIS:

RUFIVENTRIS:

BRACHICHETA:

DUBIA:

AMAZONENSIS:

13 – COMPORTAMENTO OBSERVADO

a) Iniciam o trabalho às 5 horas. Das 12 às 15 horas, diminuem o ritmo de trabalho;

b) Desidratam o néctar e o xarope fora da colméia;

(Observação do Dr. Kerr: “d) As *M. rufiventris* têm uma vantagem sobre outras abelhas”. Elas ‘descobriram’ que, nas condições da Amazônia, é melhor desidratar o mel fora da colméia, onde sempre terão uma umidade de 3 a 30% abaixo que dentro da colméia”.

c) Quando há ataque de outras abelhas, inclusive da mesma espécie, as abelhas que saem da colméia vibram as asas incitando a saída de mais abelhas para defender o enxame;

d) É excelente produtora de mel, desde que haja florada;

e) há uma tendência de abandono quando a colméia tem pouca população;

f) É defensiva:

Veja a observação de Davi Said Aidar:

“Encontrei colônias extremamente agressivas aqui na Amazônia. As operárias atacam as mandíbulas no nosso rosto dificultando muito a manipulação do ninho. Nunca notei isso nas *rufiventris* do sul. Este comportamento varia de colônia para colônia da mesma espécie.”

Compare com as observações de Victor Coelho e Eduardo Porto:

“Posso te dizer, que são abelhas muito dóceis e por vez ou outra beliscam ou brigam” (Victor Coelho). “a observação me faz dizer que são abelhas extremamente dóceis, aparentemente em maior número que as mandaíias.” (Eduardo Porto).

g) Castas de fácil identificação:

- Princesa: de cor castanha, do tamanho das princesas de outras espécies.
- Zangão: apresenta três tracinhos brancos na face.

- Operária: é diferente da princesa e do zangão.

14 - AMBIENTE DE OCORRÊNCIA:

Destaca bem o Victor Coelho: "Dentro das subespécies, tem aquelas que são naturais do cerrado, clima seco e as da Mata Atlântica, clima úmido."

As de clima úmido:

Melípona rufiventris rufiventris:

"Aqui, na Serra da Ibiapaba, no Ceará, temos três zonas ecológicas bem definidas; Zona úmida, carrasco (zona seca) e sertão. A *M. rufiventris*, ocorre somente na zona úmida. Nesta região ainda existem resquícios de mata atlântica." F. A. Macambira.

Melípona rufiventris flavolineata:

"Geralmente é encontrada na base de troncos de árvores, como na região Bragantina quase somente são encontradas árvores grossas próximo dos igapós (matas ciliares ou parcialmente inundáveis), é ali que hoje encontramos a maioria dos ninhos naturais desta espécie." G. Venturieri.

Melípona rufiventris paraensis:

Melípona rufiventris amazonensis:

As de clima seco:

Melipona rufiventris brachicheta;

15 – PRÁTICAS A SEREM EXPERIMENTADAS E ACOMPANHADAS:

- A) Fazer enxames com rainha fisogástrica de outro enxame.
- B) Fazer enxame utilizando crias de mais de uma colméia e abelhas de outra.
- C) Fazer enxame na forma de núcleo com princesa do enxame A e abelhas e crias do enxame B.
- D) Há referência de que trocam a rainha durante o inverno e muitas vezes não há princesas: dividir o enxame antes do inverno para que, sendo jovem a rainha, não haja a troca no inverno.

- E) Durante o inverno, colocar as melgueiras em baixo e o ninho em cima, com entretampa de vidro/acrílico, para acompanhar a presença da rainha.
- F) Comprovar se dando mais espaço o enxame continuará forte e populoso;
- G) Fazer núcleo a partir de rainhas, na forma de produção massiva adotada por Gonzaga.
- H) Adotar a base do Marco Agostinho/Eduardo Porto: bandeja com água próximo à base da colméia para envolver a colméia com mais umidade.

PRÁTICAS PARA MANEJO PRODUTIVO DE RUFIVENTRIS:

- 1) Colocar as colméias a 5 metros de distância.
- 2) Dar alimentação individual, interna.
- 3) Colocar caça-forídeos permanente (sistema bob).
- 4) Equilibrar a alimentação dos enxames.
- 5) Dividir os enxames fortes.
- 6) Não deixar faltar espaço para armazenagem de mel: sempre acrescentar melgueira vazia, podendo utilizar a melgueira cheia para fortalecer enxames fracos.
- 7) Dividir o enxame filho só após um ano.
- 8) Proporcionar certa umidade ao enxame.

Raimundo Vidarico